

Telejornalismo infantil: Uma análise do Repórter Rá Teen Bum¹

Luís Augusto de Carvalho MENDES²
Elisângela Marinho BEZERRA³
Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, PB

Resumo

Este trabalho argumenta a necessidade de oferta de conteúdos noticiosos direcionados para crianças que levem em consideração suas vozes. Assim, analisamos um produto que alcança essas duas perspectivas, o Repórter Rá-Tenn-Bum. Optou-se por uma pesquisa de natureza básica, objetivo exploratório com abordagem qualitativa. Para compor o corpus, foram escolhidos o material do programa 1 e do 36. Na análise descritiva, foram verificados aspectos como: Blocos; Assuntos abordados, linguagem e outras pontuações. A proposta foi investigar de que maneira as informações eram levadas a esse grupo. Como resultado principal, observamos que o programa atendia as demandas do seu público, com um jornalismo capaz de informar e educar.

Palavras-chave: Jornalismo; Crianças; Adolescentes; Infância; Repórter Rá Teen Bum.

Introdução

No Brasil a informação é um direito previsto na Constituição Federal, que deve ser assegurado por todos os órgãos públicos. De modo geral, ele é garantido à população através dos veículos de comunicação. Não há distinção sobre quem pode ou não ter acesso à informação, nos levando a interpretar que esse é um direito de todos os cidadãos. Mas não é o que percebemos na prática social, quando vemos, por exemplo, a exclusão de crianças do discurso jornalístico ou quando sequer encontramos produções voltadas para o público infantil ou que ao menos contem com sua participação.

Mas as crianças, embora sejam negligenciadas por essa área, o consomem, muitas vezes por meio de mediação familiar, e elaboram percepções a partir do que veem e ouvem na televisão, no rádio e na internet. “Entendido como um espaço e um sujeito narrativo, o jornalismo representa, talvez, a principal esfera de produção de sentidos” (MORIGI; ROSA, 2007, p. 76).

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Mestrado em Jornalismo da UFPB. Mestre e doutor em Psicologia Social. e-mail luisaugustomendes@gmail.com.

³ Mestranda no programa de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail elisabmjornalista@gmail.com.

É acreditando nisso, que o trabalho em curso defende a criação de notícias para crianças e a inclusão do público infantil na narrativa jornalística. Esse último estando exposto, inclusive, no artigo 13 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989). O público infantil tem liberdade para ter e expressar suas opiniões sobre os mais diversos assuntos e o jornalismo tem obrigação de assegurar isso.

No Brasil há uma escassez de produtos jornalísticos para crianças, mas podemos citar algumas experiências, como a Folhinha, ligada ao jornal Folha de São Paulo, já foi impresso, mas hoje é uma página na internet. No rádio, mencionamos o Unespinha, da Rádio Unesp, vinculada à Universidade Estadual Paulista (Unesp), transmitido em Bauru-SP e região. Existe, ainda, o Joca, que se intitula como o único jornal para jovens e crianças no Brasil. Tem versão impressa e site.

Na TV, a experiência mais exitosa foi o telejornal Globinho, exibido pela rede Globo, de 1972 a 1982, apresentado pela jornalista Paula Saldanha (PEREIRA, 2018). Mas recentemente tivemos o Repórter Rá Teen Bum, uma iniciativa do grupo Wadada News for Kids, que faz parcerias ao redor do mundo com TVs públicas para produção e divulgação de conteúdos informativos para crianças. No Brasil essa cooperação aconteceu com a TV Rá Tim Bum e a TV Cultura, ambas da Fundação Padre Anchieta, de 2016 a 2018. Apresentado pela adolescente Nathália Falcão, o programa tinha as crianças como suas protagonistas.

Por acreditar que o Repórter Rá Teen Bum conseguiu cumprir dois pontos já discutidos e que consideramos importantes: oferecer conteúdo noticioso para crianças e considerar suas vozes, nós escolhemos este material como objeto de estudo.

Nosso objetivo geral foi, a partir de uma análise descritiva, investigar de que maneira as informações eram levadas, através do programa, a esse grupo. E para alcançar esta resposta buscamos conhecer a linguagem utilizada; propostas editoriais; estilo de apresentação e das reportagens; cenário; e como acontecia a participação das crianças na narrativa. Por esse caminho desejávamos responder a problemática deste estudo: como oferecer conteúdos noticiosos ao público infantil? Assim, realizamos uma análise do episódio 1, publicado em 29/07/2016, e 36, em 04/06/2018, primeiro e último programas postados no canal do YouTube da TV Rá Tim Bum.

Optou-se por uma pesquisa de natureza básica, objetivo exploratório, abordagem qualitativa por meio de um estudo documental. Observamos que o programa durante

seus anos de exibição conseguiu não apenas incluir a criança na narrativa jornalística, como lhe ofertar um jornalismo adequado as suas demandas. As discussões se basearam na defesa do protagonismo infantil da Sociologia da Infância e na comparação com as características do telejornalismo.

Telejornalismo

Não é possível precisar quem inventou a Televisão, muitos foram os responsáveis pela criação e difusão desse veículo que teve estudos iniciados no século XIX, mas foi no período seguinte que a sua ascensão aconteceu. O aparelho evoluiu de forma veloz, melhorando seu sistema de luz, cores, imagem e funcionando, atualmente, até mesmo como computador, como é o caso da smart tv. Ao Brasil, ela chegou na década de 50 trazida por Assis Chateaubriand. Foi aí que surgiu o telejornalismo “A programação diária de notícias se transformou em parte integrante da cultura de cada sociedade que incorporou a televisão” (YORKE, 2006, p. 3). A primeira emissora foi a TV Tupi, inaugurada em São Paulo.

Linguagem, personagens e muitos outros elementos foram copiados do rádio (PRADO, 1996). O primeiro telejornal que podemos destacar foi o Imagens do Dia, depois o Repórter Esso, programa radiofônico que migrou para a televisão e fez sucesso durante anos. Já o pioneiro noticiário em cadeia foi o Jornal Nacional, exibido pela primeira vez em 1969 (PATERNOSTRO, 2006). O telejornalismo foi evoluindo junto com a televisão, talvez em menor ritmo, mas o fato é que passou por diversas e intensas transformações e hoje nos deparamos com conteúdos com imagem digital, realidade virtual, entre tantos outros recursos usados no telejornalismo do século XXI.

Todas essas modificações acompanharam as mudanças que a sociedade vivenciou, uma das mais significativas foi o surgimento da internet, que impacta a vida de todos, até mesmo daqueles que não a usam. Estamos mencionando isso, porque hoje existem discussões de que a televisão e o telejornalismo estão perdendo espaço para a web e embora seja perceptível e as pesquisas comprovam que atualmente mais da metade da população brasileira use a internet para ficar informada sobre o que acontece, os telejornais têm sua audiência. Esse veículo ainda é lugar de referência, como classifica Vizeu (2009). “A imagem, a palavra, a linguagem, a forma. O noticiário televisivo é o lugar de confirmação de contextualização do mundo” (p. 159).

Uma das justificativas é o fato de a televisão estar em quase todos os domicílios brasileiros, 96,3%, em 2019, segundo o IBGE⁴. Não apenas por isso, mas sim, podemos falar que o telejornalismo no Brasil e no mundo ainda ocupa um espaço nos pensamentos e ações das pessoas. São muitos os fatores que podem explicar a confiança que o público tem no telejornalismo, alguns até subjetivos e individuais, mas o principal é a imagem. Por mais que atualmente também possamos ter acesso a imagens sobre os mais diversos acontecimentos na internet, quando essa aparece na televisão ela ganha um selo de maior credibilidade. Frases como – É verdade, passou na TV, são muito comuns. Como duvidar daquilo que se vê?

É por reconhecer a força do telejornalismo que este trabalho defende que as crianças tenham acesso a notícias e sejam incluídas nos conteúdos jornalísticos. “Historicamente o jornalismo profissional *mainstream* tem tido como alvo os adultos, assumindo que os cidadãos se tornam consumidores de notícias à medida que envelhecem e desenvolvem preocupações e responsabilidades adultas” (PALVIK, 2019, p.74, tradução nossa).⁵ Não podemos esquecer que o telejornalismo entra na classificação livre para todas as idades, ou seja, entende-se que qualquer pessoa pode consumi-lo.

Sociologia da infância

A Sociologia da Infância (SI) surge por oposição à concepção da infância passiva, nos apresentando a criança como cidadão no presente. Existe um discurso muito difundido no senso comum que sempre trata o infante como um ser que está em preparação, em especial, para a vida adulta. Só depois desse “estágio” é que eles poderão integrar-se de fato à sociedade. “A criança é, pois, aqui considerada antes de tudo como aquilo que os anglo-saxões denominam um *future being*, um ser futuro, em devir” (SIROTA, 2001, p.9).

A criança não é vista como ator social e nem como um ser com competências e capacidades para desempenhar sua cidadania. São tratadas como pessoas incompletas,

⁴ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>

⁵ [...] Historically, mainstream professional journalism has targeted adults, assuming that citizens become news consumers as they age and develop adult concerns and responsibilities such as home ownership and families and start paying taxes. This assumption held for much of the twentieth century, but it has collapsed in the twenty-first century with the rise of social media [...] (PAVLIK, 2019, p.74).

por isso têm suas vozes silenciadas. Mas não é isso que acreditamos e percebemos em nossas pesquisas com esse público. As crianças usam, se apropriam e atribuem sentido a tudo. Mas para conhecer o que pensam é preciso valorizar a voz e a expressão das variadas infâncias.

A Convenção dos Direitos da Criança em 1989 elevou os meninos e meninas à condição de sujeito com direitos de participação, não apenas de proteção. Essa garantia ajudou na evolução do lugar da criança no seio familiar e na sociedade. Embora não consigamos ver no jornalismo muitas práticas que permitam à criança ter seu direito de participação assegurado, podemos citar como exemplo o objeto de estudo deste ensaio, o repórter Repórter Rá Teen Bum. O programa tem crianças na função de apresentador, repórter e são ouvidas sobre os assuntos abordados.

Mas em geral as crianças são personagens ausentes da narrativa jornalística. “As crianças são "invisíveis" porque não são consideradas como seres sociais de pleno direito. Não existem porque não estão lá: no discurso social” (SARMENTO, 2008, p.19). É contraditório pensar que as pessoas afirmam se preocupar com o futuro das crianças, para que sejam cidadãos conscientes, mas não considerem suas vozes. Já que a criança é sempre tratada como um ser futuro, esquecem que quando houver a travessia para a fase adulta elas levarão ideias, experiências, valores e visões como recursos para lidar com seu novo momento. (SIROTA, 2001).

A infância é uma realidade construída através de variados dispositivos, como a escola, família, imprensa e etc. “Todos têm um papel na construção daquilo que emerge como infância” (PROUT, 2010, p.744). Por isso, falamos de uma desconstrução de um conceito dominante, uma imagem estereotipada da criança como um ser passivo que apenas recebe aquilo que oferecemos. Uma das principais correntes da SI é a de “reprodução interpretativa”, que fala sobre a construção de processos de subjetivação elaborados pelas crianças sobre seus mundos. Ou seja, como o infante interpreta e transforma a herança cultural que recebe.

As crianças não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir das suas próprias práticas sociais” [...] (SARMENTO, 2008, p.29).

Não precisamos tratar as crianças como seres especiais ou separá-las de forma brusca dos adultos, como se fossem espécies diferentes. O lugar que a elas designamos

não as cabe. As crianças têm reivindicações a serem consideradas e não podemos mais definir as suas vidas sem ouvir suas vozes. Falando em especial do jornalismo, é necessário garantir uma narrativa que gere representação das variadas infâncias. É preciso compreendê-las como um ser “que é” e que buscam, de diversas maneiras, dar sentido ao mundo em que vivem. (PINTO, 2008).

Repórter Rá Teen Bum

O Repórter Rá Teen Bum é uma iniciativa do grupo Wadada News for Kids, da ONG holandesa Free Press Unlimited. Trata-se de uma cooperação global que faz parcerias com TVs ao redor do mundo para produção e divulgação de conteúdos informativos direcionados ao público infantil. No Brasil, essa cooperação aconteceu através da TV Rá Tim Bum, quando o programa foi exibido durante três anos: de 2016 a 2018. A produção era feita pela equipe da própria emissora e da TV Cultura, ambas ligadas à Fundação Padre Anchieta (Centro Paulista de Rádio e TV Educativa). Tanto o nome do programa como da TV se devem ao Castelo Rá Tim Bum, um dos programas infantis mais marcantes da TV brasileira.

O Repórter Rá Teen Bum era exibido nas noites de sábado e domingos às 20h15, tendo como público infantojuvenil. Os episódios também eram disponibilizados no canal do YouTube da emissora.

Para atingir os objetivos deste estudo, optou-se por uma pesquisa de natureza básica, objetivo exploratório, abordagem qualitativa por meio de um estudo documental. Para compor o corpus, foram escolhidos o material do programa 1, publicado em 29/07/2016⁶, e o programa 36, em 04/06/2018⁷, primeiro e último episódios postados. Nosso objetivo foi realizar uma comparação de como começou e como terminou o programa.

Para a análise descritiva, foram verificados os seguintes aspectos: Abertura e encerramento; Logomarcas, vinhetas, trilhas e tela de fundo; Apresentadora - Figurino e planos; Blocos; e Assuntos abordados, linguagem e outras pontuações.

Neste início dos resultados e análise percebemos que não se trata de um telejornal, mas sim de um programa audiovisual com notícias e histórias para crianças.

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y6Y_aMKsj9U&t=68s. Acesso em 16/02/2021

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BymED1fJsn0&t=53s>. Acesso em 16/02/2021

Mas percebemos o uso de diversas características do telejornalismo: reportagens, notas cobertas⁸ e entrevistas. Os programas, que tinham duração entre 9 e 15 minutos, não contavam com intervalos e eram exibidos de forma ininterrupta, dividido em quatro quadros: Repórter; Gira Girou; É nós; e você viu?

Abertura e encerramento

Verificamos que no programa 1, por ter sido o primeiro programa, foi adotada uma abertura diferente das demais, pois percebemos que os outros episódios começam pela escalada⁹. Mas neste em questão, a adolescente Nathalia Falcão responsável pela apresentação aparece antes. Em plano médio¹⁰, em pé, ela saúda os telespectadores de forma muito sorridente, informando que o programa vai começar, inclusive, com uso de uma frase de efeito - Tudo feito para vocês, sobre vocês e com vocês. Só após esta saudação é que vem a escalada com imagens, onde só é possível ouvir a voz de Nathalia. Isso acontece no PGM 1, porque no PGM 36, Nathalia aparece durante a escalada em dois momentos: quando vai anunciar a primeira e a última reportagem .

No PGM 1, as imagens das reportagens e matérias durante a escalada aparecem dentro de círculos centralizados na tela, já no PGM 36 essas imagens ocupam toda a tela e existe também uma referência a aparelhos tecnológicos, onde alguns conteúdos começam surgindo em um computador, produzido em forma de arte gráfica.

Depois da escalada, a apresentadora diz frases como: “O Repórter Rá Teen Bum está só começando”, “Agora no Repórter Rá Teen Bum”. No PGM 1 ela não aparece neste momento, já no PGM 36, sim. Logo após entra a vinheta¹¹ de abertura, que no PGM 1, acontece com o uso de imagens circulares, em movimento, enquanto rostos de pessoas, adultos e crianças, aparecem. Assim como o nome “Teen” em grande formato, na cor branca, vai fazendo um movimento na vertical, da direita para a esquerda. No PGM 36, as referências são a aparelhos tecnológicos: celular, tablet e etc. Além disso, aparecem pessoas em espécie de sombras, tirando self; e crianças, também em formato de sombra, fazendo atividades jornalísticas: filmando e entrevistando. Ao fim das

⁸ Nota Coberta – Texto coberto com imagens. Pode estar gravado;

⁹ Escalada – Manchetes sobre os principais assuntos do jornal. São frases curtas cobertas ou não com imagens.

¹⁰ Plano Médio: tomada que enquadra o personagem da cintura para cima.

¹¹ Vinheta é uma combinação de sons e imagens que serve para marcar as separações de um programa.

vinhetas de abertura aparecem no centro da tela, em grande formato, as logomarcas do programa.

Após a exibição do último quadro, Nathalia se despede e depois aparece dividida, na tela final. De um lado ficam passando imagens exibidas ao longo do programa e no outro os créditos da equipe de produção, ao som das trilhas utilizadas na abertura.

Imagem 1. Escalada do programa 1



Imagem 2. Escalada do programa 36



Imagem 3. Vinheta de abertura programa 1



Imagem 4. Vinheta de abertura programa 36



Fonte: Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ¹²

Logomarcas, vinhetas, trilhas e tela de fundo

Uma diferença notada nos dois episódios estudados diz respeito às logomarcas¹³, vinhetas, trilhas e telas de fundo, mostrando que elas mudaram ao longo dos anos de exibição do Repórter Rá Teen Bum. No primeiro, a principal referência é o planeta terra, o mapa-múndi é usado como tela de fundo. Ele aparece na cor cinza e os continentes estão destacados em branco. No canto superior da tela, do lado direito do

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratibum/featured>. Acesso em 16/07/2022

¹³ Símbolo visual de uma marca.

telespectador, aparece a logomarca em formato de globo, que fica girando. Fora dele, em tamanho pequeno, está o nome “Repórter”, na cor verde, e dentro do globo, um pouco maior, o nome “Rá-teen-bum”, em amarelo. Dentro desse globo existe outro círculo (esse não faz movimento), que representa uma gota de água, onde aparece escrito “TV Rá Tim bum”.

Já no PGM 36, a logomarca continua referenciando a terra, mas dentro do círculo estão pessoas em formato de sombra, e o nome “Repórter” pequeno e “Rá-teen-bum” maior, abaixo do globo. O nome “TV RTB”, dessa vez aparece no canto inferior do lado direito da tela do telespectador. A tela de fundo neste último é uma referência ao céu, com um azul claro predominante e um leve branco, lembrando as nuvens, dando a impressão de que a apresentadora está nas alturas. No PGM 1, as cores predominantes são verde e amarelo, no PGM 36 a cor roxa é a mais utilizada, mas com detalhes amarelos.

O gerador de caracteres ¹⁴ no PGM 1 aparece com o nome do personagem em branco em uma faixa verde por cima de uma amarela. No PGM 36, a faixa é na cor roxa. No canto esquerdo superior dessas faixas, mais uma vez aparece uma referência ao planeta terra, um pequeno globo fica girando.

Sempre são utilizadas vinhetas para começar as reportagens com os nomes dos quadros. Ao fim de cada quadro também são usadas vinhetas para que o público entenda que acabou e outro conteúdo será iniciado. No que diz respeito às trilhas, no PGM 1, elas possuem uma batida mais eletrônica, já as do PGM 36 têm melodias mais suaves.

Imagem 5. Logomarca programa 1



Imagem 6. Logomarca programa 36



Fonte: Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ¹⁵

Apresentadora - Figurino e planos

¹⁴ Equipamento para inserir indicações escritas sobre imagens. Podem ser os nomes e as profissões dos entrevistados, tarjas com números citados numa reportagem ou a identificação do local de onde fala o repórter.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratibum/featured>. Acesso em 16/07/2022

Outra diferença percebida foi o uso dos planos quando a apresentadora aparece. No primeiro, o único plano usado durante a cabeça das matérias ¹⁶é o médio. Já no último, há uma alternância entre médio, americano ¹⁷ e aberto ¹⁸. Por exemplo, Nathalia começava a cabeça da reportagem em plano médio e depois a câmera mudava para o aberto, mostrando todo o cenário, onde ela dava alguns passos e sentava em um banco, o que gerava uma ideia de mobilidade.

A respeito do figurino, a opção era por cores fortes. No primeiro, por exemplo, ela aparece com uma blusa rosa e uma calça verde. Em outros episódios não analisados, mas vistos para comparação, é possível vê-la de vestido, roupas com estampa xadrez e florais, colete, tênis, cabelo solto, amarrado ou parcialmente amarrado. Há pouco uso de acessórios, em alguns episódios foram vistos pequenos brincos.

Imagem 7: Figurino da apresentadora Nathalia Falcão programa 1



Imagem 8: Figurino da apresentadora Nathalia Falcão programa 36



Fonte: Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ¹⁹

Blocos

¹⁶ Texto lido pelo apresentador para chamar a matéria. Geralmente, contém as informações mais relevantes da reportagem que será mostrada a seguir.

¹⁷ Normalmente enquadra os personagens dos joelhos ou quadris para cima.

¹⁸ Mostra todo o cenário.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

A respeito dos quadros, o primeiro é o **Repórter**, que ocupa, em geral, o maior tempo do programa, com duração entre 3 e 4 minutos. No PGM 1, ele chegou a 4,35. É importante mencionar que são pautas²⁰ frias, mas em alguns aparecem temas que são recorrentemente discutidos na mídia, como imigração, tratado no primeiro programa, quando é apresentada a história de dois irmãos adolescentes que vieram para o Brasil com a família para fugir da guerra na Síria, ou seja, trazendo esse assunto a partir da perspectiva infantil.

Já no quadro **Gira Girou** acontece o intercâmbio com o Wadada. Aqui são trazidas reportagens produzidas pelo grupo e seus parceiros. São mostrados assuntos curiosos que estão acontecendo ao redor do mundo. No PGM 1, três temáticas são expostas: a importância das aulas de natação para crianças em Bangladesh; presença de cães em sala de aula na África do Sul; e aulas sobre educação financeira em Curaçao. No PGM 36 apenas um assunto é abordado nesse quadro: a Olimpíada Científica na Bolívia. O Gira Girou também ocupa um espaço considerável no Repórter Rá Teen Bum, com mais de 3 minutos. Esses conteúdos em resumo contêm offs²¹ e entrevistas. No PGM 1 a voz ouvida é da Nathalia Falcão e no último uma voz masculina, que participa apenas no início. A maior parte do material é coberta com as entrevistas dos personagens principais, as crianças. Como elas são de outros países, as vozes usadas para a tradução também são de crianças e adolescentes.

No quadro **É nós**, no PGM 1, a reportagem foi conduzida pelo adolescente Paulo Henrique de 17 anos, que era, à época, um jovem aprendiz na Fundação Padre Anchieta. Como a narrativa era sobre o que faz um jovem aprendiz, Paulo conta sua própria história. Uma câmera fica o acompanhando, dando a sensação de movimento, e Paulo, com um microfone lapela, vai dizendo o que faz. Essa é a única matéria, entre as analisadas, que tem a presença de um adolescente conduzindo uma reportagem. No PGM 36, o quadro **É Nós** fecha o programa, onde a menina Heloísa mostra como é viver na vila operária Paranapiacaba, nesse caso ela age apenas como uma entrevistada.

O quadro **Você viu?** no PGM 1, é apresentado em forma de nota coberta e conta a história da primeira arara azul nascida em cativeiro no Brasil. Com duração de 1,35 ela fecha o primeiro episódio. No PGM 36 ela acontece em formato de reportagem e é o

²⁰ Roteiros sobre os assuntos que serão abordados na reportagem, podem ser temas atuais ou não, nesse último caso, são chamadas de pautas frias.

²¹ Texto lido pelo apresentador, locutor ou repórter e coberto com imagens.

penúltimo conteúdo com 1,26 de duração falando sobre os prejuízos do uso demasiado de aparelhos tecnológicos, como celular. Os offs, tanto da nota coberta, quanto da reportagem, foram gravados por Nathalia Falcão.

Imagem 9: No programa 36, na reportagem sobre religião, a menina Oni fala sobre o candomblé



Fonte: Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ²²

Imagem 10: No programa 1, a criança fala sobre a importância de saber usar o dinheiro. O nome da entrevistada não é divulgado



Fonte: Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ²³

Assuntos abordados, linguagem e outras pontuações

Em resumo as temáticas abordadas nos dois programas analisados foram: imigração, educação, esporte, natureza, dinheiro, religião, tecnologia e história. Muitos desses assuntos se repetem em outros episódios, assim como novos surgem. Semelhante ao jornalismo tradicional, a opção é por uma linguagem simples e coloquial, mas percebemos também a tentativa pelo uso de uma narrativa jovem, com expressões, inclusive, usadas por esse público, como – Fique ligado!

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratibum/featured>. Acesso em 16/07/2022

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratibum/featured>. Acesso em 16/07/2022

Em duas matérias percebemos a apresentação de dados no texto jornalístico. Na matéria sobre o uso excessivo de dispositivos móveis, os números aparecem em texto na tela, narrados pela apresentadora. Já no conteúdo sobre aulas de natação em Bangladesh, eles são ditos em formato de off por Nathalia. Não houve uso de gráficos, que são muito comuns no telejornalismo tradicional quando dados são apresentados.

Sobre a presença de repórter, eles não foram vistos em nenhum momento, em alguns não é possível sequer ver sua mão segurando o microfone, pois muitas vezes os entrevistados estão usando lapelas e a câmera só foca no personagem. Ou seja, não existe passagem²⁴ ou entradas ao vivo.

É muito claro que os principais personagens das matérias são as crianças e adolescentes, poucos adultos são ouvidos nos conteúdos apresentados. Os nomes das crianças, inclusive, são bastante evidenciados, pois além de aparecer no gerador de caracteres eles são ditos pela Nathalia Falcão durante a leitura das cabeças das matérias.

Discussão

A partir do referencial teórico exposto neste estudo, fica evidente o quanto o Repórter Rá-Teen-Bum utiliza características do telejornalismo, mas busca adaptar algumas levando em consideração seu público. Por exemplo, a figura do apresentador foge das costumeiramente vistas, primeiro por se tratar de uma adolescente nessa função. Depois por se desprender de uma apresentação mais tradicional. Por exemplo, Nathalia Falcão não fica atrás de uma bancada (fato que vemos em diversos telejornais), na maior parte dos programas aparece em pé, às vezes sentada em um banco. Uma atitude que gera uma sensação de maior proximidade com o público, pois é como se não houvesse barreiras entre ela e sua audiência.

Suas roupas também buscam provocar o sentimento de familiaridade em quem a assiste, pois são figurinos que remetem a infância e a juventude, com a combinação de cores vivas e fortes. Nos chama a atenção, ainda, a variedade temática do programa, mesmo este trabalho tendo analisado apenas dois episódios, foi possível perceber que o Repórter Rá-Teen-Bum oferece as crianças uma diversidade de assuntos, inclusive,

²⁴ Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria.

buscando apresentar realidades de outros países. Consideramos isso muito importante para o desenvolvimento do público infantil, pois é fundamental ter contato, ainda que pela televisão, com outras realidades. É uma forma de conhecer as variadas infâncias, citada em nossa discussão teórica.

O protagonismo infantil, defendido pela Sociologia da Infância, é assegurado no programa a partir do lugar que as crianças ocupam na narrativa jornalística. O Repórter Rá-Teen-Bum trabalha em especial com duas linhas editoriais: a primeira e mais recorrente é que ele conta a história de crianças ou adolescentes que fazem coisas curiosas ou que tem uma vida incomum. Ou seja, são as personagens principais e elas próprias conduzem a narrativa. Um exemplo é o da menina Heloisa que vive na primeira vila operária do Brasil e conta como é esse lugar. A segunda linha é que são escolhidos assuntos a serem abordados e sobre eles apenas crianças ou adolescentes são ouvidas. Como foi o caso da reportagem sobre religião.

Ainda sobre este ponto, entendemos que o programa realiza um importante trabalho quando inclui às vozes das crianças em suas matérias e reportagens. Imprimir valor a voz do infante gera uma sensação de que ele é capaz, de que pode e tem lugar para falar.

Conclusão

O Repórter Rá Teen Bum foi um dos poucos produtos audiovisuais de cunho jornalístico, direcionado ao infante, disponibilizados em TV aberta no Brasil. Não foi possível saber os motivos que o fizeram acabar, mas o fato é que esse programa durante três anos preencheu uma importante lacuna no que diz respeito a jornalismo para crianças e adolescentes em nosso país. Entendemos que ele nos apresentou uma interessante maneira de fazer jornalismo para crianças, em especial quando seu foco é o protagonismo infantil. O jornalismo é um importante instrumento de cidadania e ofertá-lo às crianças é pensar nesse público, mas também no futuro do próprio campo. Esperamos que este esboço sobre o Repórter Rá Teen Bum instaure um diálogo a respeito da relação entre crianças e jornalismo.

Referências

CARVALHO, Maria Inês. **Domingo é dia de Felicidade-** As crianças e as notícias. 1º Ed, Rio de Janeiro, Multifoco, 2012.

CUSTÓDIO, Michele Letícia; MACIEL, Suely. **Programação radiofônica e infância:** temática, estilo e forma composicional de programas informativos voltados para o público infantil. Revista Alterjor. Ano 10 – Volume 02 Edição 22 – Julho-Dezembro de 2020.

MORIGI, Valdir José; ROSA, Rosane, MEURER, Flávio. **Mídia e representações da infância:** narrativas contemporâneas. Curitiba: Champagnat; Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MOTTER, Andressa Canova; STORCH, Laura. **A interatividade como recurso narrativo no jornalismo infantil.** SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo IX Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR) Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019.

PRADO, Flávio. **Ponto Eletrônico.** São Paulo: Editora Limiar, 1996.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV:** manual de telejornalismo. Vol. 2. Ed. Elsevier, 2013.

PAVLIK, John. **Journalism in the age of virtual reality:** how experiential media are transforming news. Columbia University Press. New York, 2019. E-Book. ISBN 97802311-84489. Disponível em: <cup.columbia.edu>. Acesso em: 31/07/2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **A infância como construção social.** As crianças contextos e identidades. Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho. 1997.
SARMENTO; Manuel Jacinto; MARCHI, Rita de Cássia. **Radicalização da infância na segunda modernidade:** para uma Sociologia da Infância crítica. Revista Configurações. v.4, 91-113. 2008.

SIROTA, Régine. **Emergência de uma Sociologia da Infância:** evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa, nº 112, março/ 2001.

PINTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares. **Estudos da Infância -** Educação e Práticas Sociais. In: PINTO, M. Sociologia da infância: Correntes e Confluências. 1ª ed. Ed. Vozes, 2008. p. 17-39.

PONTES, Cristina. **A pesquisa em jornalismo e as pesquisas sobre crianças e adolescentes.** Revista Contracampo. 2006.

PROUT, Alan. **Reconsiderando a nova sociologia da infância.** Cadernos de Pesquisa, v.40, n.141, p.729-750, set./dez. 2010.

UNICEF. **Convenção sobre os direitos da Criança.** Disponível em:
<<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>> Acesso em: 12 jul. 2021.

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica.** Revista Famecos, v.16, nº 40, 77-83. 2009.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo.** Ed. Roca, 2006.